



As duas faces da conectividade digital: a transformação das dependências sociais

Hjarvard, Stig

Published in:

Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?

Publication date:

2019

Document version

Også kaldet Forlagets PDF

Document license:

[CC BY-NC](#)

Citation for published version (APA):

Hjarvard, S. (2019). As duas faces da conectividade digital: a transformação das dependências sociais. I J. Ferreira, A. P. da Rosa, A. F. Neto, J. L. Braga, & P. G. Gomes (red.), *Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?* (s. 253-279). Santa Maria, Brazil: FACOS Universidade Federal de Santa Maria.

As duas faces da conectividade digital: a transformação das dependências sociais

The Janus face of digital connectivity: The transformation of social dependencies

Stig Hjarvard

Universidade de Copenhague

Resumo: A experiência da conectividade digital tem duas faces: a mídia *online* capacita o indivíduo a se comunicar e agir além do seu espaço social imediato, mas essas mídias também criam novas formas de dependências devido ao aumento da presença, na vida social cotidiana, das demandas institucionalizadas, por exemplo, o local de trabalho e o mercado. Com base em informações teóricas da teoria da dependência da mídia (BALL-ROKEACH et al., 2001), da teoria crítica (HABERMAS, 1989), do interacionismo simbólico (GOFFMAN, 1971) e das teorias da mídia de rede social (DIJCK, 2013), específico como a conectividade digital envolve uma reestruturação das interdependên-

cias sociais. A experiência ambígua de maior conectividade reflete um processo mais amplo de midiaticização em que as racionalidades instrumentais se tornam presentes e influentes nas configurações do mundo da vida. Os argumentos teóricos são ilustrados pelos resultados de uma pesquisa de dependência de mídia na Dinamarca.

Palavras-chave: Conectividade. Dependência. Digital. Indivíduo. Midiaticização. Virtualização.

Abstract: The experience of digital connectivity has a Janus face: Online media empower the individual to communicate and act beyond his or her immediate social space, but such media also create new forms of dependencies due to the increased presence in everyday social life of institutionalized demands from, for instance, the workplace and the market. Building upon theoretical insights from media dependency theory (BALL-ROKEACH et al., 2001), critical theory (HABERMAS, 1989), symbolic interactionism (GOFFMAN, 1971), and theories of social network media (DIJCK, 2013), I specify how digital connectivity involves a restructuring of social interdependencies. The ambiguous experience of increased connectivity reflects a wider process of mediaticization in which instrumental rationalities become present and influential in life-world settings. The theoretical arguments are illustrated by results from a survey of media dependency in Denmark.

Keywords: Connectivity. Dependency. Digital. Individual. Mediaticization. Virtualization.

“Desligue-me” exige a manchete na primeira página do famoso jornal semanal alemão *Die Zeit*. O jornal apresenta sua matéria principal sobre o aumento da auto-crítica sobre as vidas saturadas de mídia das pessoas, com o seguinte subtítulo: “Cada vez mais as pessoas querem se libertar de seus *smartphones*. Elas querem ficar inacessíveis” (DIE ZEIT, 2015). A manchete do jornal alude à música eletrônica, que foi *hit* em 1981, da banda alemã *Kraft-*

werk “*Computerliebe*” (“Amor pelo computador”), com seu refrão “ligue-me, desligue-me” (“Schalt mich ein, schalt mich aus”). Nesta música, *Kraftwerk* imagina não apenas computadores e humanos se tornando emocionalmente unidos uns aos outros, mas também o mais profundo de todos os sentimentos – o amor – tornando-se programável, tornando a mais íntima das relações sociais dependente da tecnologia digital. Apesar da mensagem clara no título, a imagem que acompanha a história em *Die Zeit* ressalta os sentimentos ambíguos ligados à dependência da tecnologia digital: na imagem, uma jovem mergulha na água que respinga numa tela de *smartphone*, evocando a atração do movimento ilimitado, um mergulho livre no oceano de informações da internet. O texto diz “desligue-me”, mas a imagem diz “ligue-me”.



Figura 1 - Primeira Página do jornal *Die Zeit*, de 16 de julho de 2015. A manchete (“Desligue-me”) e a imagem parecem refletir opiniões diferentes sobre a atração da conectividade.

As desvantagens da mídia onipresente e os problemas de as pessoas estarem sempre conectadas estão

começando a entrar em discussões públicas em diversos contextos sociais. As discussões sobre a influência da mídia digital e *online*, por exemplo, cada vez mais abordam preocupações com os seus efeitos negativos sobre o ensino e a aprendizagem, devido à presença generalizada de computadores e da internet na sala de aula; o problema de os funcionários terem seu tempo de lazer invadido por comunicações relacionadas ao trabalho, e a incapacidade das pessoas em evitar a vigilância, tanto de parte de empresas privadas quanto de autoridades públicas. Um mercado crescente de conselhos de autoajuda emergiu, relacionado a como se desconectar das mídias ou, pelo menos, como reduzir o tempo gasto com televisão, mídia social ou jogos de computador. Uma análise de tais guias de autoajuda sugere que, como resposta para o que é experimentado como mídia invasiva, estratégias de “domesticação reversa” são promovidas para permitir que os indivíduos e suas famílias mantenham as mídias a uma distância consciente e, assim, reduzam ou alterem a influência da mídia nos contextos cotidianos (KARLSEN; SYVERTSEN, 2016). Para muitas pessoas, contudo, a desconexão não é uma opção real, já que a mídia *online* se institucionalizou como indispensável para as vidas familiar e de trabalho das pessoas, além de ter também se integrado ao tecido de instituições mais amplas, como a política e a administração pública. Em particular, como afirma Morozov (2017), as pessoas que trabalham na “economia *gig*” [economia sob demanda], em expansão e geralmente precária, de empregos de meio período, empregos flexíveis, como os motoristas da empresa de táxis Uber, não podem se permitir a desconexão, uma vez que seus trabalhos são baseados numa infraestrutura digital que os compele a estarem conectados ou a perderem a próxima fatia de renda.

Neste artigo, abordarei a natureza transformadora das conexões digitais e, em particular, examinarei as tensões entre experiências de aumento de autonomia in-

dividual e novas formas de dependência de poderes sistêmicos e institucionais. Ambas as experiências são reais e refletem o caráter ambíguo e duplo do aumento da conectividade. As mídias interativas e *online* permitem que o indivíduo se comunique e aja para além do espaço social imediato e seus limites e deveres locais, mas estas mídias também criam e propagam novas formas de dependência devido tanto às características estruturais das próprias mídias quanto às novas maneiras com que as mídias digitais geram uma integração e uma presença contínua de demandas institucionalizadas, por exemplo, do local de trabalho e do mercado. Na perspectiva da teoria da midiatização (HJARVARD, 2013), as implicações políticas, sociais e culturais das mídias onipresentes não podem simplesmente ser abordadas do ponto de vista da “mediação”, isto é, os encontros comunicativos dos indivíduos por e pelas várias mídias. Ao chamar atenção para o processo de “mediação”, enfatizamos como as mídias *online* estão implicadas na *mudança*¹ social e cultural e como, através destas mudanças, chegam a *condicionar*² – embora não determinem – os modos pelos quais as pessoas podem ou não podem comunicar e interagir entre si. Seguindo esta perspectiva, focalizarei o papel da mídia em reestruturar as interdependências sociais.

A integração das mídias digitais e *online* em esferas cada vez mais sociais e culturais representa uma *midiatização intensificada*, que não só permite uma interação “mais” digital, mas também reestrutura as condições sociais sob as quais interagimos. Como Dijck (2013) enfatizou em seu estudo de mídias de rede social, tais mídias não comunicam somente relações sociais, mas também produzem novas formas de socialidade. As novas formas de relacionamentos em rede e de interações sociais envolvem uma mudança das dependências sociais entre o indi-

1 Grifo do autor.

2 Grifo do autor.

víduo, a comunidade mais ampla e as mídias. Para examinar estas formas de interdependência em transformação, vou recorrer à teoria já existente da dependência da mídia (BALL-ROKEACH, 1985; JUNG, 2017) e buscarei integrá-la ao quadro sociológico geral da teoria da midiatização. A discussão será predominantemente de natureza teórica, mas também incluirá algumas descobertas de uma pesquisa empírica sobre as experiências das pessoas de como as mídias podem interferir nos quadros sociais existentes e reestruturar dependências em suas vidas cotidianas.

1. A mídia e a dependência social

A teoria da midiatização tem, desde seu início, abordado questões que se referem à dependência, uma vez que o próprio conceito implica que os campos social e cultural se entrelaçam com e dependem de várias mídias. Em meus próprios escritos, a crescente dependência da cultura e da sociedade das mídias e de suas lógicas está no cerne da definição de midiatização (HJARVARD, 2013, p. 17). O desenvolvimento das mídias em um domínio institucional semi-independente na sociedade – governado por suas próprias lógicas tecnológicas, estéticas e institucionais – e a crescente dependência de outras instituições dos recursos comunicativos das mídias tornaram outros domínios institucionais dependentes das lógicas da mídia, incluindo tanto as “grandes” instituições, como as instituições políticas, quanto as “pequenas” instituições, como a família. A dependência é raramente uma via unidirecional, mas é mais frequentemente uma relação recíproca, dupla ou multifacetada, através da qual as entidades sociais são conectadas umas às outras dentro de uma rede de obrigações e trocas, aproveitando-se dos recursos umas das outras durante a interação diária. Por exemplo, quando instituições políticas se tornam midiatizadas, a consequência pode ser não somente uma dependência crescente da po-

lítica da mídia, como os atores políticos fiando-se cada vez mais em recursos midiáticos para se comunicarem com seus eleitores, mas também uma dependência da mídia das instituições políticas, como jornalistas sendo dependentes dos políticos como fontes políticas. A influência dos processos de midiaticização sobre as dependências entre várias instituições não deve ser compreendida como um jogo empatado, no qual os domínios, tais como a política ou a família, simplesmente perdem autonomia enquanto se tornam dependentes da mídia. Como, por exemplo, Aelst et al. (2014) e Dodges e Jarren (2014) afirmaram, as lógicas da mídia não necessariamente se opõem diretamente às lógicas de outros domínios institucionais, mas podem estar sobrepostas. É, portanto, necessário distinguir entre as várias entidades e camadas em cada domínio, já que a reestruturação das dependências pode influenciar o domínio institucional como um todo e as várias organizações e indivíduos dentro do domínio de maneiras diferenciadas (HJARVARD, 2017b). Por exemplo, as crianças e os adolescentes podem, como parte de sua crescente dependência da mídia móvel, vivenciar tanto uma crescente independência em relação aos seus pais quanto uma maior dependência em relação às suas redes de pares.

A noção de “dependência” frequentemente envolve avaliações normativas e críticas dos relacionamentos. Este é claramente o caso da “teoria da dependência” nas ciências sociais, que aborda relações desiguais entre o centro e a periferia, ou seja, a dominação ocidental e a exploração dos países em desenvolvimento (por exemplo, FRANK, 1967). As análises da influência de novas mídias geralmente envolvem a dependência com implicações normativas explícitas ou implícitas no que se refere a pessoas e à mídia. Particularmente em seus escritos posteriores, Turkle (2011) lamenta o vazio dos laços sociais que cultivamos através da mídia *online*: “Falamos em ‘passar’ horas no e-mail, mas nós, também, estamos sendo con-

sumidos [...] Os laços que formamos através da internet não são, no final, os laços que prendem. Mas são laços que preocupam” (TURKLE, 2011, p. 280). Para Turkle (2011), um problema-chave com os relacionamentos sociais formados pela mídia *online* é precisamente que eles liberam as pessoas dos laços fortes, das interdependências sociais duradouras que subjazem a um verdadeiro relacionamento. No outro extremo deste espectro normativo encontramos Rainie e Wellman (2014), que celebram a habilidade do indivíduo de libertar-se do “casulo delimitado” dos fortes laços locais e sociais. A internet e a mídia móvel interativa oferecem um novo sistema operacional social que promove uma nova forma de “individualismo em rede”, tendo como base laços muito mais fracos: “O movimento em direção a um sistema operacional em rede se baseia na conectividade flexível entre indivíduos e na capacidade de confiar uns nos outros em quaisquer distâncias e grupos sem exigir a força coesiva da tribo para punir as transgressões” (RAINIE; WELLMAN, 2014, p. 57). O individualismo em rede permite que o indivíduo se liberte das dependências existentes, e as possibilidades são limitadas somente pela própria capacidade individual de manobrar na rede estendida.

O problema com estas duas posições conflitantes é que sua abordagem normativa ou crítica está baseada numa perspectiva que toma, como seu ponto de partida, o encontro do indivíduo com a rede. Em vez disso, precisamos de uma perspectiva holística que nos permita examinar as dependências mútuas como propriedades estruturais de interligação de redes de mídias, de indivíduos e instituições sociais. Somente a partir de tal perspectiva holística, estrutural e relacional é possível acessar as implicações completas da reestruturação das dependências sociais através da crescente influência da mídia. Tanto Turkle (2011) quanto Rainie e Wellman (2014) enfatizam aspectos importantes dos desenvolvimentos atuais,

mas suas perspectivas individualistas não lhes permitem considerar como as experiências de esvaziamento ou liberdade individual podem estar circunscritas pela rede de relacionamentos e dependências que as várias mídias carregam com elas. Sem tal perspectiva estrutural, podemos facilmente ficar presos na antiga dicotomia entre os efeitos fortes da mídia *versus* os efeitos fortes na audiência, agora já projetados na era das mídias digitais e de redes. Turkle (2011) tende a ecoar a ideia dos efeitos fortes da mídia, no sentido de que se diz que as mídias digitais minam a capacidade individual de sustentar laços sociais fortes e significativos. Rainie e Wellman (2014) reafirmam o paradigma das audiências poderosas na era das novas mídias, salientando as capacidades dos usuários das novas mídias para usar o sistema social das redes digitais para seus próprios propósitos. Para Turkle (2011), as mídias digitais são também poderosas, enquanto para Rainie e Wellman (2014) as mídias empoderam o usuário individual já competente para o seu uso.

Dentro dos Estudos de Mídia e Comunicação, a chamada “teoria da dependência da mídia” (BALL-ROKEACH, 1985) procurou desenvolver “uma abordagem ecológica para compreender as relações de dependência dos indivíduos com as mídias no contexto das relações individuais, organizacionais e de níveis sociais e mudanças” (JUNG, 2017, p. 5). A teoria da dependência da mídia foi inicialmente desenvolvida devido à insatisfação com ambas as ideias de efeitos fortes da mídia e de efeitos fortes na audiência, por exemplo, pesquisa de uso e gratificação (BALL-ROKEACH; DEFLEUR, 1976). Nem as mídias nem os usuários das mídias são inerentemente fracos ou fortes, mas estão circunscritos por relações de dependência de poder nos níveis micro, meso e macro da sociedade. Conforme esta abordagem ecológica ou holística, a influência da mídia sobre o conhecimento, as opiniões ou o comportamento de um indivíduo deveria ser considerada à luz

das dependências do indivíduo em relação ao conjunto de mídias disponíveis a ele. Entretanto, a dependência de várias mídias não é configurada apenas pela mídia, mas também pelo conjunto mais amplo de relacionamentos nos quais os indivíduos, as organizações e as mídias estão inseridos em diversos contextos institucionais. De acordo com a teoria da dependência da mídia, os meios de comunicação constituem um sistema de informação dentro da sociedade (“informação” compreendida num sentido mais amplo, também envolvendo entretenimento, etc.), e a dependência do indivíduo em várias mídias é um resultado de vários objetivos que ele busca devido à sua posição na estrutura social geral. As diversas mídias representam os recursos de informação dos quais os indivíduos podem ser dependentes para a procura de diferentes objetivos sociais, mas, por causa destas diferentes posições sociais dos indivíduos, estes objetivos e dependências não são uniformes. A dependência da mídia enquanto um recurso de informação é diferente para um adolescente de um bairro suburbano de baixa renda e para um banqueiro de meia-idade do centro da cidade. Além disso, as dependências da mídia estão sujeitas a circunstâncias contingentes, por exemplo, situações de insegurança social ou experiências individuais de ambiguidade informacional. A teoria da dependência da mídia postula que, em geral, quanto mais alto o grau de insegurança ou ambiguidade, mais os indivíduos se tornarão dependentes da mídia como um sistema de informação.

A teoria da dependência da mídia foi originalmente desenvolvida para conceituar as interdependências dos indivíduos, dos meios de comunicação e da sociedade na era dos meios de comunicação de massa, e o quadro teórico foi sendo subsequentemente reformulado para uma “teoria de infraestrutura da comunicação”, à luz das profundas alterações resultantes do surgimento da internet e das mídias móveis. Este quadro preserva a ideia original

de uma abordagem ecológica que integra interdependências micro, meso e macro entre entidades sociais de diversos níveis, ao mesmo tempo que leva em consideração que a ambiência das novas mídias não apenas configura um sistema de informação, mas também oferece uma infraestrutura para a ação comunicacional de todos os atores sociais, indivíduos e organizações (ROKEACH et al., 2001). A infraestrutura tanto permite como restringe a ação comunicativa por parte dos indivíduos e organizações, e a dependência de vários atores, nesta infraestrutura, se reflete no grau e nos tipos de conexão dentro de uma ambiência geral de mídia digital (JUNG et al., 2012; JUNG, 2017).

A teoria da dependência da mídia difere da teoria da midiatização por concentrar seu foco nos processos de mediação. O quadro sociológico holístico foi desenvolvido para descrever melhor os modos pelos quais as várias mídias condicionam a ação comunicativa. Esta também é uma preocupação da teoria da midiatização, mas esta última a combina com um forte interesse no papel da mídia nos processos de mudança social e cultural. A partir da perspectiva da teoria da midiatização, a teoria da dependência da mídia fornece uma compreensão importante em sua ênfase no caráter multinível e recíproco das relações de dependência. As dependências da mídia não são unicamente – e em alguns casos nem mesmo predominantemente – um produto da própria mídia, mas são igualmente um resultado de interdependências que ocorrem em diversas camadas entre indivíduos, organizações, mídias e instituições sociais. É através destas interdependências que vários meios de comunicação chegam a parecer relevantes, necessários e, às vezes, inevitáveis para a busca de objetivos sociais e o cumprimento de obrigações culturais (HJARVARD, 2017a). À luz disto, sugiro que a midiatização também pode envolver processos através dos quais a mídia transmite dependências para outras instituições sociais. Diversas mídias *online* podem transmitir a

presença virtual das demandas institucionais para novas configurações sociais, ao mesmo tempo que enfraquecem a importância das demandas dos encontros sociais *offline* pelos quais os indivíduos passam no curso de suas vidas cotidianas.

2. Virtualização do domínio institucional e interação social

Uma consequência importante da integração dos meios de comunicação em cada vez mais aspectos da vida social e cultural é a virtualização tanto dos domínios institucionais quanto da interação social localizada (HJARD, 2013, p. 33ss.). Em ambos os casos, estas mudanças envolvem uma reestruturação das dependências entre indivíduos, mídias e domínios sociais. No nível dos domínios institucionais (tais como a política, a família, a indústria e a educação), a presença de mídia *online* cria uma nova geografia social, pela qual os limites da instituição se tornam permeáveis e menos ligados ao espaço físico. Exemplos óbvios são as famílias divididas pelo trabalho migrante, que dão continuidade a interações emocionais, sociais e financeiras, atravessando países e continentes, através do uso de mídias *online* (MILLER; MADIANOU, 2012), e a disseminação do trabalho à distância para lares particulares (PERRONS, 2003). Nos dois exemplos, a mídia *online* se torna um recurso crucial para conduzir a vida cotidiana e, assim, implica uma dependência cada vez maior da mídia, mas os exemplos também demonstram uma reestruturação mais ampla das dependências envolvidas nestes processos. No caso das famílias divididas pela migração, a mídia pode proporcionar uma tecnologia social para assegurar a coesão familiar, já que a situação social das famílias dispersas envolve novos arranjos sociais, liberdades e dependências no que se refere à criação dos filhos, sexo, cidadania, tempo de lazer, etc. No caso do trabalho à dis-

tância realizado em casa, a reestruturação pode envolver mudanças nos equilíbrios entre vida-trabalho, novas condições para a criação dos filhos, etc.

Ao tornar possíveis novas formas de organização social, a mídia digital atua como um catalisador para transformações sociais mais amplas, das quais a crescente dependência da mídia é apenas um componente. As mídias são uma condição necessária, porém insuficiente, para a reestruturação das interdependências. Elas podem iniciar as mudanças, mas o desenvolvimento subsequente e a ancoragem de formas alternativas de organização social dependem da interação entre as redes de atores sociais envolvidos nos níveis micro, meso e macro da sociedade. A consequência da midiatização é uma crescente dependência da mídia e de suas várias lógicas, mas esta dependência também pode gerar dependências para com o trabalho, membros da família que estão distantes, etc. – ou, em alguns casos, afrouxar as dependências para com outros contextos sociais.

A virtualização das instituições e da interação social não torna o espaço físico supérfluo. Em vez disso, uma combinação entre espaços físicos e virtuais está acontecendo. As instituições tipicamente retêm um espaço físico dominante para suas principais atividades, como o lar para a instituição familiar, o parlamento para a instituição política, a escola para a instituição educacional e a fábrica ou o escritório para a instituição do trabalho. Contudo, os limites das instituições se tornam imprecisos e menos ligados ao espaço físico quando a mídia permite que os indivíduos e grupos “desempenhem” as atividades familiares, educacionais, de trabalho e políticas em vários cenários em várias configurações virtuais. A “combinação” de espaços virtuais e físicos segue as quatro dimensões da midiatização, identificadas por Schulz (2004): extensão, substituição, amalgamação e acomodação. Como os exemplos de famílias migrantes e trabalho à distância exemplificam, a

mídia claramente amplia o alcance das práticas institucionalizadas para além dos limites dos locais físicos, e algumas das práticas até agora vinculadas a locais específicos podem ser substituídas por novas práticas virtuais. Ao mesmo tempo, novas práticas virtuais são amalgamadas com outras práticas mais antigas e fisicamente vinculadas, e as novas e as velhas práticas se ajustam umas às outras. Por exemplo, no domínio institucional de aprendizagem e ensino, o desenvolvimento das pedagogias de “sala de aula invertida” exemplifica uma amalgamação combinada e uma acomodação entre atividades *online* e *offline*: os alunos podem se preparar em casa, assistindo a palestras *online*, lendo livros e fazendo anotações, enquanto na sala de aula física se engajam em atividades que, de alguma forma, lembram as atividades preparatórias que eram feitas em casa anteriormente, tais como resolução de problemas e trabalhos em grupos. A presença da mídia, tanto em casa quanto na sala de aula, permite que as antigas e as novas práticas de ensino se misturem de novas maneiras.

A combinação de fronteiras não está presente somente em nível institucional, mas também é perceptível no fluxo contínuo de interações sociais estabelecidas na vida diária. Neste nível micro da sociedade, a combinação de localização física e conexões virtuais coloca pressão sobre a condição mais crucial da interação social bem-sucedida: a capacidade dos indivíduos de concordar com a definição atual da situação social. De acordo com a análise de Goffman (1971) do encontro face a face, a interação dos participantes é orientada por uma interpretação compartilhada da situação social disponível. A interpretação é tipicamente guiada pelos tipos de pessoas envolvidas, a localidade, o *layout* físico, incluindo os “acessórios” disponíveis que podem ser utilizados durante a interação. Um encontro entre amigos íntimos num bar, com copos e jogando cartas à mesa, assim, sugere uma definição completamente diferente da situação de um encontro entre

estudantes e um professor numa sala de aula com quadro negro e giz. As pessoas podem tacitamente negociar os detalhes da situação (por exemplo, graus de formalidade), e as particularidades podem mudar durante o decorrer do encontro. Como o estudo de Goffman (1971) demonstra, nos mínimos detalhes, os participantes precisam concordar sobre a definição da situação social, caso contrário a interação fracassará e ocorrerão mal-entendidos e frustração.

Com a crescente interconectividade virtual, a capacidade de chegar a um acordo sobre a situação social entre pessoas num encontro presencial se torna mais frágil, principalmente porque o equilíbrio entre a capacidade do indivíduo e a capacidade do grupo de se comprometer e definir a situação social atual está inclinado em favor do indivíduo. Quando cada um dos participantes tem outras situações sociais disponíveis *online*, eles tendem a julgar a situação vinculada a um local fixo em relação a outras situações, potencialmente mais interessantes ou importantes, e podem optar por deixar a situação atual em favor das interações *online*. Isto acontece não apenas porque as pessoas podem individualmente escolher direcionar sua atenção a outros cenários, mas também porque a mídia *online* as torna disponíveis aos outros fora do local atual. Elas podem, por exemplo, ser chamadas, notificadas ou receber um *e-mail* dos cônjuges, dos filhos, dos funcionários ou de anunciantes. Deste modo, a interconectividade gera dependências de um contexto para outro, tanto em termos de obrigações para observar as regras de etiqueta comunicacional (por exemplo, as exigências de responder rapidamente às solicitações que são recebidas) quanto de ter um comprometimento social em relação aos outros (por exemplo, exigências de atender questões relacionadas aos membros da família, tarefas do trabalho, etc.). Em seu estudo sobre o uso dos computadores no trabalho no setor financeiro, Knorr Certina (2014) sugere que um novo tipo

de situação surgiu. A presença generalizada das telas de computador “transforma a situação face a face numa situação sintética” (KNORR CERTINA, 2014, p. 39). Com o termo “sintética” ela quer dizer que a interação face a face é transformada e aumentada pelas mídias inteligentes e interativas, ao mesmo tempo que a interação social se torna direcionada para e responsável pelos outros, tanto humanos distantes quanto sistemas tecnológicos, que não estão presentes.

As condições das situações sociais em processo de mudança não são apenas o resultado da invasão do encontro físico face a face pelo mundo virtual. A extensa disponibilidade virtual do mundo exterior de quase qualquer lugar e toda configuração institucional permitem que o indivíduo se envolva ativamente com e “navegue” por uma miríade de situações sociais. Além disso, a mídia digital pode aumentar a interação social através da presença constante de informação disponível *online*: o espaço interacional torna-se inteligente, permitindo ao indivíduo interagir de uma maneira mais informada com os outros que estão distantes e com aqueles que estão presentes fisicamente. Isto oferece a base para a experiência do empoderamento individual. Por exemplo, no trabalho, você pode escolher também conversar em *chat* com seus filhos, realizar transações financeiras e, em geral, buscar informação de qualquer lugar simplesmente ao tocar numa tela. No nível micro da interação social, esta conectividade generalizada é frequentemente vivenciada como um aumento na pressão por atenção. A atenção do indivíduo se torna dividida entre as várias situações sociais, *online* e *offline*, e a capacidade do grupo de fazer com que cada um cumpra uma definição primordial da situação social fica enfraquecida. Para o indivíduo, o comprometimento e a definição da situação social aparecem cada vez mais como uma questão de escolha, já que ele pode optar por sair da situação presente e, em

vez disso, envolver-se nas situações disponíveis *online*. Da perspectiva do indivíduo, isto pode parecer empoderamento, mas, uma vez que esta escolha está em princípio disponível para todos, o resultado não é necessariamente do interesse de ninguém. Como todos podem terminar dividindo sua atenção, todos podem vivenciar uma perda de atenção e comprometimento para com as situações sociais em que estão envolvidos.

3. Vivenciando as dependências midiáticas

Até este ponto, discuti as dependências em mudança num nível teórico, mas tentarei agora ilustrar empiricamente como algumas destas mudanças são experimentadas, focando em como a crescente presença das diversas mídias *online* é vivenciada como um distúrbio na condução diária da interação social. Os dados mostrarão como as regras e normas sociais para a interação social estão atualmente sob pressão devido à crescente conectividade e reestruturação das dependências. Estes resultados empíricos estão baseados em uma pesquisa realizada com 1.510 entrevistados. A pesquisa foi conduzida em colaboração com *YouGov*³ e os entrevistados foram amostrados pelo painel *YouGov*. A pesquisa foi conduzida *online* (*CAWI*⁴) no período de 28 de agosto a 08 de setembro de 2015. Os dados são ponderados a partir das dimensões de idade, sexo e localização geográfica, com base nas estatísticas da população geral da *Statistics Denmark*⁵ para ser considerados uma amostra representativa dos dinamarqueses com idades entre 18 e 74 anos.

3 Nota do tradutor: Referência ao site: <https://yougov.dk/>.

4 Nota do tradutor: *CAWI* – sigla em inglês para Computer-Assisted Web Interviewing. Técnica de entrevista realizada pelo computador, na qual os entrevistados fazem *login* em um *site* para terem acesso à pesquisa.

5 Nota do tradutor: <http://www.dst.dk/en/TilSalg/Forskningsservice>. Trata-se de um portal com dados estatísticos colhidos desde 1970 sobre a população da Dinamarca e que estão disponíveis para pesquisadores.

Como fica evidente na Figura 2, uma maioria considerável da população adulta dinamarquesa vivencia que alguém em seu círculo mais próximo de conhecidos tenha se tornado *muito dependente* do uso de uma ou mais mídias. A pesquisa também fornece detalhes sobre a mídia a que este caso se refere, e é predominantemente mídia *online* , como o celular, a internet, as mídias sociais e, em alguns casos, a televisão, que a maioria das pessoas considera responsável por este tipo de dependência excessiva. Pode-se dizer que a experiência generalizada de ser muito dependente de várias mídias, num nível geral, confirma que a mídia reestruturou dependências na vida social cotidiana. Entretanto, a natureza específica destas dependências pode envolver dimensões diferentes, tanto de natureza psicológica quanto sociológica, e a limitação do espaço deste ensaio predominantemente teórico me impede de buscar estas dimensões em seus mínimos detalhes. Por exemplo, o relacionamento pessoal, quase íntimo, que muitos usuários desenvolvem com seus celulares (MILLER, 2014) testemunha sua importância social, mas também pode implicar dimensões psicológicas separadas da dependência, como o Medo de Estar Perdendo Algo⁶ (PRZYBYLSKI et al., 2013). Em consonância com a perspectiva sociológica geral deste ensaio, limito-me a uma breve explicação dos problemas de dividir a atenção na interação social com base nos resultados desta pesquisa. A Figura 3 e a Figura 4 indicam que a presença de celulares e *tablets* durante a interação face a face é frequentemente vivenciada como um problema, no sentido de que as pessoas acham que a outra pessoa e elas mesmas estão menos presentes durante a interação. Quase metade da população frequentemente, ou com muita frequência, experimenta que outras pessoas estão menos presentes numa situação social, e 41% afirmam que isso acontece às vezes. Quando os entrevistados avaliaram sua própria

presença, eles a experimentam com bem menos frequência, mas, mesmo aqui, 11% afirmaram que isto acontece com frequência e 33% relataram que isso acontece às vezes. A diferença entre a avaliação da dependência da mídia das outras pessoas e da sua própria dependência da mídia coincide com o efeito geral de terceira pessoa, estipulando que as pessoas geralmente pensam que os outros são mais influenciados pela mídia do que elas próprias (WHITE; ANDSAGER, 2017).

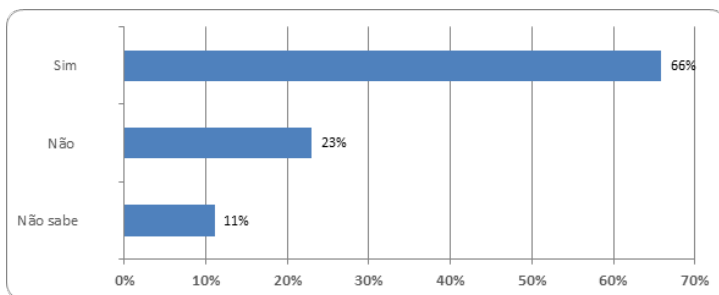


Figura 2 - A experiência generalizada de outras pessoas serem muito dependentes de várias mídias. Pergunta: "Você conhece alguém, no seu círculo mais próximo de conhecidos, que se tornou dependente do uso de uma ou mais mídias?" Base: entrevistados dinamarqueses com idade entre 18 e 74 anos. Painel YouGov. N=1510.

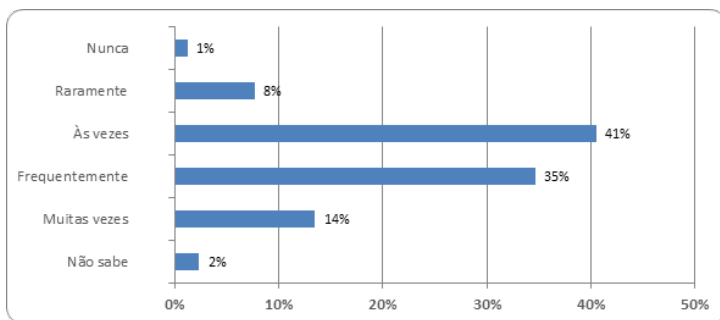


Figura 3 - A experiência da atenção dividida de outras pessoas. Pergunta: “Com que frequência você experimenta que celulares e tablets tornam as pessoas menos presentes na situação em que você está?” Base: entrevistados dinamarqueses com idade entre 18 e 74 anos. Painel YouGov. N=1510.

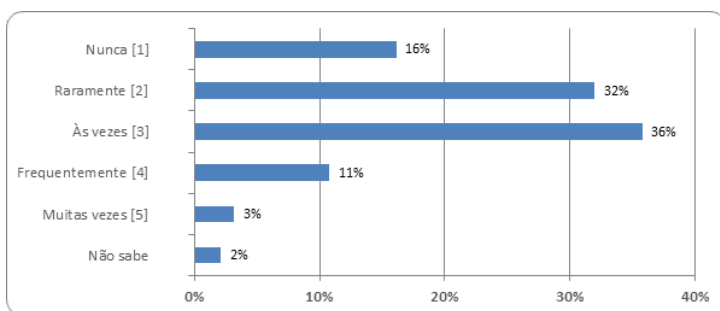


Figura 4 - A experiência da atenção dividida em seu próprio comportamento. Pergunta: “Com que frequência você experimenta que o seu próprio uso do celular ou tablet o torna menos presente na situação em que você está?” Base: entrevistados dinamarqueses com idade entre 18 e 74 anos. Painel YouGov. N=1510.

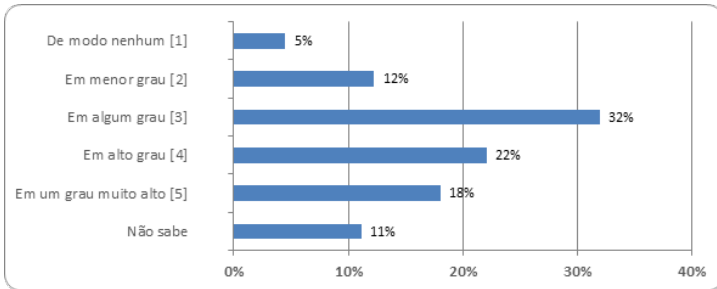


Figura 5 - A necessidade de receber orientações para o uso da mídia relacionada ao trabalho. Pergunta: “Até que ponto você acha que é uma boa ideia o seu local de trabalho ter diretrizes para o uso das mídias no que se refere ao trabalho (por exemplo, e-mail, internet, celulares)?” Base: entrevistados dinamarqueses com idade entre 18 e 74 anos que estão empregados ou estiveram empregados durante o ano anterior. Painel YouGov. N=1070.

Tanto a experiência da própria insuficiência quanto a dos outros na interação presencial atual devido à disponibilidade da mídia *online* pode refletir que as regras sociais informais de negociação da situação social atual, incluindo as regras relacionadas à presença e à atenção requerida dos participantes, ficaram sob pressão e ainda não foram suficientemente desenvolvidas para gerenciar a mídia *online* onipresente. A pesquisa também demonstra que muitas pessoas acham que precisam de ajuda mais formalizada para assegurar que a mídia *online* não interfira de maneira não produtiva na interação social. Quando perguntados sobre a necessidade de ter orientações estipuladas para o uso das mídias em relação ao trabalho (por exemplo, *e-mail*, internet, celulares), 40% dos entrevistados responderam que esta seria uma boa ideia num grau alto ou muito alto. 32% acham que é, em parte, uma boa ideia, 12% acham que é uma boa ideia em um grau menor, e apenas 5% acham que não é uma boa ideia. Pode haver muitas razões para as pessoas desejarem diretrizes mais formais para o uso das mídias em conexão com o trabalho, mas parece razoável sugerir que as pessoas vivenciam

dificuldades ao demarcar os limites entre tarefas de trabalho e outras atividades, tanto em relação à capacidade de se concentrar em assuntos relacionados ao trabalho quando deveriam estar trabalhando quanto, por outro lado, de estar livres do trabalho quando não presentes no local de trabalho. O aumento da conectividade técnica e as crescentes interdependências sociais que se seguiram à disseminação das mídias sociais *online* ainda estão em seus estágios iniciais, e as normas informais necessárias e regras formais para a administração deste novo cenário ainda não estão em vigor.

4. Mídiação intensificada

A crescente integração das várias mídias em contextos cada vez mais institucionais e em situações interacionais da vida cotidiana reflete uma forma intensificada de mediação. A era dos meios de comunicação de massa, tais como a imprensa, o rádio e a televisão, transformou a vida pública e as instituições públicas, particularmente o domínio político, mas também outros domínios culturais. O fluxo diário de interações sociais estabelecidas foi claramente circunscrito e influenciado pela presença dos meios de comunicação de massa, das interações políticas diárias informadas pelos noticiários para a orientação da vida diária em relação à música popular, cinema e entretenimento. Contudo, as interações presenciais na esfera microssocial não foram permeadas pelas tecnologias que permitam que cada indivíduo interaja com outros não presentes no local físico. Esta combinação entre os mundos físico e virtual representa uma mediação intensificada em que o “mundo da vida” do cotidiano se torna mais fortemente conectado ao “mundo do sistema” de várias instituições, incluindo o mercado (HABERMAS, 1989).

Dijk (2013) fornece um estudo interessante que pode elucidar como esta interconexão entre o “mundo da

vida” e o “mundo do sistema” ocorre através das mídias sociais, embora não faça uso das categorias de Habermas. As mídias sociais, como o *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*, tornaram-se uma infraestrutura presumida para a interação social, e Dijck (2013) usa um estudo histórico para reconstituir o modo como as várias mídias sociais desenvolveram suas operações ao amalgamar raciocínios comerciais e tecnológicos com as normas sociais de interação dos usuários. Dijck e Poell (2013) rotulam estes princípios operacionais de “lógicas da mídia social”, o que consiste em programabilidade, popularidade, conectividade e geração de dados. Estas lógicas das mídias sociais subjazem às novas formas de sociabilidade *online* em que as propriedades sistêmicas se misturam com as orientações do mundo da vida:

A pressão tecnológica de plataformas múltiplas para selecionar a pessoa ou a ideia mais popular e mais conectada é, por sua vez, reforçada pela pressão dos pares na vida real. A pressão dos pares tornou-se uma força híbrida social e tecnológica; as conexões entre as pessoas informam conexões automatizadas e vice-versa (DIJCK, 2013, p. 157).

As pressões tecnológicas estão incorporadas em algoritmos que não apenas aumentam as motivações sociais já existentes para que os indivíduos busquem a companhia dos outros, mas também são projetados para intensificar esta motivação e moldá-la para que obedeça às pressões sistêmicas – inclusive comerciais – para maximizar o número de interações *online*. As mídias *online*, incluindo as mídias sociais, permitem uma reconfiguração da relação entre o mundo do sistema e o mundo da vida, na qual as interdependências entre os vários contextos institucionais são enunciadas de maneiras novas e intensificadas. Dijck (2013) aponta para as interconexões entre as lógi-

cas das mídias sociais e as normas da vida cotidiana, mas, como vimos anteriormente, os processos de midiatização também transmitem novas dependências entre o mundo da vida e outros domínios institucionais, não apenas para com a mídia. Deste modo, as mídias criam estruturas sistêmicas e racionalidades instrumentais praticamente presentes e importantes para a comunicação nos encontros do mundo da vida, ao mesmo tempo que a comunicação no mundo da vida informa e se torna uma fonte – especialmente uma fonte de dados – para as partes sistêmicas da sociedade. O rastro digital das interações do mundo da vida se torna uma mercadoria valiosa que é vendida e usada para fins estratégicos, como o *marketing* de produtos e as campanhas políticas.

A midiatização intensificada da cultura e da sociedade, seguindo a disseminação da mídia digital e *online*, é frequentemente experimentada como um desenvolvimento com duas faces, simultaneamente liberando o indivíduo e produzindo novas formas de dependência social. Estes dois aspectos não são necessariamente vivenciados igualmente por todos. Para alguns, as oportunidades individuais parecem ser o lado mais proeminente da história; para outros, o aumento da dependência parece restringir a promessa dessas oportunidades. Para compreender sociologicamente estas diferentes experiências, devemos ultrapassar tanto o paradigma dos efeitos fortes da mídia quanto o dos efeitos fortes dos usuários ao examinar como as dependências da mídia estão envolvidas numa reestruturação das interdependências sociais entre indivíduos, organizações, mídias e diferentes domínios institucionais.

Referências

AELST, P. v.; THESEN, G.; WALGRAVE, S.; VLIEGENTHART, R. Mediatization and Political Agenda-Setting: Changing Issue Priorities? In: ESSER, F.; STRÖMBÄCK, J.

- (ed.). *Mediatization of Politics: Understanding the Transformation of Western Democracies*. New York: Palgrave Macmillan, 2014. p. 200-220.
- BALL-ROKEACH, S. J. The Origins of Individual Media System Dependency: A Sociological Framework. *Communication Research*, v. 12, n. 4, p. 485-510, 1985.
- BALL-ROKEACH, S. J.; DEFLEUR, M. L. A Dependency Model of Mass-media Effects. *Communication Research*, v. 3, n. 1, p. 3-21, 1976.
- BALL-ROKEACH, S. J.; KIM, Y.-C.; MATIE, S. Storytelling Neighborhood. *Communication Research*, v. 28, n. 4, p. 392-428, 2001.
- DIJCK, J. v. *The Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- DIJCK, J.; POELL, T. Understanding Social Media Logic. *Media and Communication*, v. 1, n. 1, p. 2-14, 2013.
- DONGES, P.; JARREN, O. Mediatization of Political Organizations: Changing Parties and Interest Groups? In: ESSER, F.; STRÖMBÄCK, J. (ed.). *Mediatization of Politics: Understanding the Transformation of Western Democracies*. New York: Palgrave Macmillan, 2014. p. 181-199.
- FRANK, A. G. *Capitalism and Underdevelopment in Latin America*. New York: Monthly Review Press, 1967.
- GOFFMAN, E. *The Presentation of Self in Everyday Life*. London: Penguin, 1971.
- HABERMAS, J. *The Theory of Communicative Action: Vol. 2: Lifeworld and System: A Critique of Functionalist Reason*. London: Heinemann, 1989.
- HJARVARD, S. *The Mediatization of Culture and Society*. London: Routledge, 2013.
- HJARVARD, S. Mediatization: Critical Theory Approaches to Media Effects. In: RÖSSLER, P.; HOFFNER, C. A.; ZONEN, L. V. (ed.). *The International En-*

- cyclopedia of Media Effects*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2017a. v. 3, p. 1221-1241. DOI: 10.1002/9781118783764.wbieme0107
- HJARVARD, S. The Logics of the Media and the Mediatized Conditions of Social Interaction. In: THIMM, C. et al. (ed.). *Media Logics*. Basingstoke, UK: Palgrave, 2017b.
- JUNG, J-Y. Media Dependency Theory. In: RÖSSLER, P.; HOFFNER, C. A.; ZOONEN, L. V. (ed.). *The International Encyclopedia of Media Effects*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2017. p. 1-10.
- JUNG, J-Y.; LIN, W. Y.; KIM, Y-C. The Dynamic Relationship between East Asian Adolescents' Use of the Internet and Their Use of Other Media. *New Media & Society*, v. 14, n. 6, p. 969-986, 2012.
- KARLSEN, F.; SYVERTSEN, T. You Can't Smell Roses Online: Intruding Media and Reverse Domestication. *Nordicom Review*, v. 37(special issue), p. 25-39, 2016.
- KNORR CERTINA, K. Scopic Media and Global Coordination: The Mediatization of Face-to-face Encounters. In: LUNDBY, K. (ed.). *The Mediatization of Communication*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2014.
- MILLER, J. The Fourth Screen: Mediatization and the Smartphone. *Mobile Media & Communication*, v. 2, n. 2, p. 209-226, 2014.
- MILLER, D.; MADIANO, M. *Migration and New Media: Transnational Families and Polymedia*. London: Routledge, 2012.
- MOROZOV, E. 2017. So you want to switch off digitally? I'm afraid that will cost you... *The Guardian*, 19 fev. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/feb/19/right-to-disconnect-digital-gig-economy-evgeny-morozov>>.
- PERRONS, D. The New Economy and the Work-Life Balance: Conceptual Explorations and a Case Study of

- New Media. *Gender, Work & Organization*, v. 10, n. 1, p. 65-93, 2003. doi:10.1111/1468-0432.00004
- PRZYBYLSKI, A. K.; MURAYAMA, K.; DEHAAN, C. R.; GLADWELL, V. Motivational, Emotional, and Behavioral Correlates of Fear of Missing out. *Computers in Human Behavior*, v. 29, p. 1841-1848, 2013.
- RAINIE, L.; WELLMAN, B. *Networked: The New Social Operating System*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2014.
- SCHULZ, W. Reconstructing Mediatization as an Analytical Concept. *European Journal of Communication*, v. 19, n. 1, p. 87-101, 2004.
- TURKLE, S. *Alone together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Books, 2011.
- WHITE, H. A.; ANDSAGER, J. L. 2017. Third-Person Effect: Basic Concept. In: RÖSSLER, P.; HOFFNER, C. A.; ZOONEN, L. v. (ed.). *The International Encyclopedia of Media Effects*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2017. p. 1-10.

